

## A lanterna mágica de Luís André

Agenor Gonzaga dos Santos

UNIPAM



NEPOMUCENO, Luís André. *A lanterna mágica de Jeremias*.

Rio de Janeiro: 7Letras, 2005, 191p.

O grande filólogo e lingüista Mattoso Câmara Jr. dizia que o romance, visto em sua essência e em suas motivações iniciais, é uma história que se conta a um grupo de pessoas. Desta forma, o romancista tem sempre em mente aqueles que o vão ler, assumindo – guardadas as devidas proporções – o papel do narrador oral, que junta em torno de si alguns amigos curiosos para ouvir o que ele tem a contar. Esta foi, na verdade, a situação real dos relatos medievais, quando surgiu a verdadeira arte da narrativa romanesca. Interromper a história para dirigir-se a esses amigos ou dedicar-lhes algumas falas é, portanto, uma atitude compreensível e explicável, que se pode notar desde os primórdios do gênero. O escritor consegue, assim, dissimular-se por trás de uma personagem, em cuja mão coloca a pena. Essa espécie de confidência envolve aqueles a quem tudo é relatado e as referências feitas a esses ouvintes/leitores contam, naturalmente, com a complacência e a cumplicidade de cada um deles.

Contando com esse envolvimento e com essa cumplicidade, é possível ao narrador seguir com sua história, interrompê-la, tecer comentários, fazer digressões, explicar o relato, explicar-se, desculpar-se com seus interlocutores, desculpar a si mesmo, confidenciar coisas, enfim, confessar-se a seus ouvintes a fim de conseguir toda a credibilidade necessária aos episódios narrados. A narrativa, neste caso, não só ganha em verossimilhança como também permite erros e enganos e a correção desses erros e enganos, com a conseqüente mudança de rumo, por parte do narrador, que se confessa pessoa sujeita, como qualquer um, às armadilhas da memória e da visão equivocada de atos e fatos.

Este é, em síntese, o perfil da personagem Ismael, o narrador de *A Lanterna Mágica de Jeremias* (Luís André Nepomuceno, Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. 191 p.). Outra personagem, o próprio Jeremias do título, é um artista angustiado pela tortura da expressão da arte perfeita, que se debate entre ser um escritor, cujo instrumento é a palavra, e compreender que a verdadeira arte, a arte pura, dispensaria quaisquer palavras, ideal artístico denominado *désœuvrement* por Maurice Blanchot, em sua obra *O espaço literário*. Pois é a história desse Jeremias, com todos os desdobramentos e implícitos, que Ismael põe no papel, relatando-a com tal identificação com o relatado que às vezes não sabe (ou sabe muito bem) que a história de Jeremias é a sua própria história ou – talvez – tudo não tenha passado de fantasias ou alucinações de um poeta desiludido com a poesia, o próprio Ismael. De alguma maneira, verdade ou mentira, engano ou certeza, a história de Jeremias se mistura à história de outras personagens, com as quais ele nem tem muito contato, mas que participam, de forma definitiva, da composição de seu destino: as personagens Flausino e Mariel. Estes dois são, na verdade, aqueles a quem a narrativa tudo deve. Todos os acontecimentos do romance têm relação maior ou menor com Flausino, e Mariel constitui-se, sem ser propriamente a protagonista e, ao mesmo tempo, sendo, na personagem em torno da qual giram todos. Mariel é onipresença, razão da existência de todos os outros, verdadeiro contraponto para todos os tecidos da trama que se vai fazendo.

Com essas quatro personagens e poucas mais, o autor arma seu enredo, um estranho modo de narrar que se vale, por um lado, de técnicas tradicionais (como o recurso da narra-

tiva psicológica), mas, por outro lado, altamente inovadoras (como o recurso da narrativa cronológica de uma personagem em que a outra narrativa se insere, paralelamente ou posteriormente). Esse modo de contar torna o romance, como disse a escritora Maria Esther Maciel, intrigante e instigante. Aliado a essas técnicas, o fato de o autor eleger o leitor para confidente ou cúmplice é a consequência de uma atitude que pode ser definida como uma tentativa de aproximação da linguagem falada, o que – não por acaso – enriquece sobremaneira o texto. Não é por simples coincidência, portanto, que se encontra em um ou outro lugar da narrativa, nessas referências ao leitor, alguma passagem que os gramáticos taxariam de incorreta, mas que se justifica com muita propriedade pela fidelidade do autor à fala de suas personagens. Pode-se mesmo afirmar que se encontra aqui uma tendência a reduzir uma das antinomias mais nítidas da atividade lingüística, qual seja, a que existe entre linguagem oral e linguagem escrita, como o já citado Mattoso Câmara esclareceu, com relação a textos machadianos.

Embora o correr dos fatos revele uma história passada no interior de Minas, a forma como tudo é contado, o desenrolar dos fatos, o destino inalienável das personagens, presas da roda da vida, o papel da fatalidade, com seus erros, enganos e acasos, autoriza dizer que o romance não nos deixa esquecer, em nenhum momento, a tragédia grega. Para ficar apenas nos exemplos mais expressivos, é só lembrar que é da sua tragédia de autor frustrado com a arte que se alimenta e se resolve a vida de Jeremias; é na sua tragédia de pessoa sem identidade própria, que repete em sua vida a vida de outro, que se anula Ismael; é da tragédia de ser vítima por sua herança de sangue que morre João Dias; é da sua tragédia de filha cujo drama familiar não poderia ser maior que Mariel inocentemente participa; e, finalmente, é na sua tragédia de homem perseguido pelas consequências dos próprios atos que Flausino termina seus dias.

*A Lanterna Mágica de Jeremias* seria, portanto, um romance trágico. Não apenas trágico, mas profético e poético, um romance de extraordinário vigor, para usar, novamente, palavras de Maria Ester Maciel. Um livro denso, em suma. Em suas páginas – por causa da sólida formação clássica do escritor – há um entrelaçamento de autores e textos, personagens e alusões a passagens que nos remetem a obras universais de todos os tempos, de Dante à Bíblia, não fosse Mariel a imagem brancaflor de Beatriz e Jeremias, coincidentemente, autor de *Lamentações* e, ele próprio, uma personagem com o dom de visões e profecias. Nas páginas de *A Lanterna Mágica de Jeremias*, vai-se, aos poucos, dando-se conta da vida e do destino de cada um, ainda que, para isso, tenha o narrador de recorrer, constantemente, a questionamentos sobre se esta ou aquela é a melhor maneira de contar a história toda, num rico exercício de reflexões de metalinguagem, não por coincidência sendo narrador Ismael, um poeta, ou Jeremias, um homem de letras.

O romance de Luís André Nepomuceno, como se pode perceber por este sucinto comentário, é um livro tecido com as minúcias e a paciência dos narradores hábeis. Daquelles que sabem contar a história e, por esse motivo, reúnem ao redor do seu texto, oral ou escrito, os ouvintes e leitores que apreciam as grandes narrativas. Resta-nos, portanto, como leitores e como ouvintes, reunir-nos em torno desta narrativa para ouvir Ismael ou Jeremias ou Luís André revelar-nos “essas ilusões todas” que “vão sendo misturadas, ao sabor da roda”, através de sua mágica lanterna de papel.